

**O PROTAGONISMO FEMININO E A VISIBILIDADE DE UM POVO EM
PONCIÁ VICÊNCIO DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

**FEMALE EMPOWERMENT AND THE VISIBILITY OF A PEOPLE IN PONCIÁ
VICÊNCIO DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Maria Betânia da Rocha de Oliveira¹

RESUMO

Esta pesquisa apresenta como temática central o estudo da obra **Ponciá Vicêncio** (2013), de Conceição Evaristo à luz do Materialismo Lacaniano. E, seguindo essa linha de pensamento investigativo, objetiva compreender de que forma a representação da personagem feminina - uma mulher negra-protagoniza uma história de luta e de dor do povo negro marcado pela escravidão. Para tanto, faz-se necessário discorrer sobre a literatura de Conceição Evaristo, sua importância para literatura contemporânea e como sua obra pode ser pensada a partir do materialismo de Žižek, uma vez que Evaristo escreve a partir de seu lugar de mulher negra e pobre, especificamente sobre as mulheres negras do Brasil, as quais foram, durante muitos anos, representadas à luz da escrita masculina como símbolo de mãe, esposa submissa ou por meio da sensualização ou sexualização. Esta pesquisa tomou como caminho de estudo a pesquisa qualitativa e de caráter indutivo e pretende observar a relação entre os fluxos de memória da protagonista e a diáspora africana que acompanham suas perdas, sonhos e desencontros, elementos estes que fazem alusão ao funcionamento da tríade: Simbólico, Imaginário e Real, responsáveis pela constituição de Ponciá enquanto ser social. O objetivo é averiguar, principalmente, de que forma a estrutura da narrativa auxilia na construção do Imaginário, do Simbólico e aponta para a presença do Real na história de Ponciá. Entre outros referenciais teóricos, utilizaremos os estudos de Candido (2011), Bonnici (2011), Silva (2009), (2018), Oliveira (2022), Žižek & Glyn (2006), Žižek (1992), (2010) e (2011).

Palavras-chave: Conceição Evaristo; Materialismo Lacaniano; Personagem Feminina.

¹ Doutora em Estudos Literários (UEM). Professora Adjunta da Universidade Estadual de Alagoas. E-mail: mariabetania.oliveira@uneal.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9862-2857>

ABSTRACT

This research presents as its central theme the study of the work **Ponciá Vicêncio** (2013) by Conceição Evaristo in the light of Lacanian Materialism. And, following this line of investigative thought, it aims to understand how the representation of the female character - a black woman - stars in a story of struggle and pain of black people marked by slavery. To this purpose, it is necessary to discuss Conceição Evaristo's literature, its importance for contemporary literature and how her work can be thought of from Žižek's materialism, since Evaristo writes from her place as a poor black woman, specifically about black women in Brazil, who were, for many years, represented in the light of male writing as a symbol of mother, submissive wife or through sensualization or sexualization. This research took qualitative and inductive research as its study path and intends to observe the relationship between the protagonist's memory streams and the African diaspora that accompany her losses, dreams and disagreements, elements that allude to the functioning of the triad: Symbolic, Imaginary and Real, responsible for the constitution of Ponciá as a social being. The objective is to find out, mainly, how the structure of the narrative helps in the construction of the Imaginary, the Symbolic and points to the presence of the Real in Ponciá's story. Among other theoretical references, we will use the studies of Candido (2011), Bonnici (2011), Silva (2009), (2018), Oliveira (2022), Žižek & Glyn (2006), Žižek (1992), (2010) and (2011).

Keywords: Conceição Evaristo; Lacanian Materialism; Female Character.

Artigo recebido em: 13/09/2023

Artigo aprovado em: 07/06/2024

Artigo publicado em: 14/06/2024

Doi: <https://doi.org/10.24302/prof.v11iEsp.Dossie.5020>

1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma pesquisa² sobre a obra Ponciá Vicêncio (2017), de Conceição Evaristo à luz do pensamento de Slavoj Žižek. E, nessa perspectiva, apresentamos uma análise sobre a representação literária de uma personagem

²Esta pesquisa foi realizada com apoio da FAPEAL – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas, por meio do Projeto de Iniciação Científica – PIBIC/UNEAL.

feminina que protagoniza uma história de luta que não é individual e, sim, coletiva, pois registra as marcas de dor e sofrimento do povo negro marcado pela escravidão sob a ótica de uma escritora negra.

Conceição Evaristo, escritora negra e contemporânea, mostra-se como uma das grandes vozes da literatura brasileira dos últimos anos. Ela é autora de *Becos da Memória* (2006); *Insubmissas Lágrimas das mulheres* (2011); *Olhos d'água* (2014); *Poemas da Recordação* (2008); *Histórias de Leves enganos e parecenças* (2016) e *Ponciá Vicêncio* (2003) é seu primeiro livro publicado e, até o presente momento já fora traduzido para o inglês, francês e espanhol, fato que demonstra o alcance de uma produção literária nascida no contato com os povos afro-brasileiros.

A escrita de Evaristo parte das diversas experiências vivenciadas, sobretudo, pelas mulheres negras do Brasil, no passado representadas de forma estereotipada, isto é, sem um desenvolvimento humano centrado nos seus desejos e perspectivas de mundo. Destacamos que a mulher negra durante muito tempo na literatura brasileira foi construída apenas como símbolo de mãe, mulher submissa, sensualidade e sexualização.

Por outro lado, outro elemento primordial presente na escrita de Evaristo é a ancestralidade desse povo que sofrera no passado marcas escravocratas no corpo e na alma, cujos resquícios se reverberam até os dias de hoje em manifestações obscurecidas de preconceito. Ademais, a autora concede aos seus personagens um senso inerente de humanização e de coragem mesmo àqueles marginalizados na sociedade, assim como acontece com a personagem Ponciá.

Ponciá Vicêncio (2003) é um romance contemporâneo associado à literatura afro-brasileira, cujo enredo enfoca as vivências da protagonista, cujo nome é igual ao do título da obra. O texto embasa-se no limiar entre passado ancestral (marcado pela escravidão) e o presente ainda distópico da protagonista que, em diáspora, vai à cidade em busca de melhores condições de vida, sofre diversos percalços, de modo a beirar a

loucura e anseia assim regressar à sua casa, mas sempre envolta em uma teia de desencontros e sofrimentos fragmentada nos capítulos da obra.

O enredo dessa obra em análise traça a trajetória de uma mulher negra, a protagonista que dá nome ao livro, desde sua infância até a idade adulta de forma fragmentada, por meio do fluxo de sua memória. O romance oscila quanto às representações do “outro” em sua emergencial histórica e cultural, já que nas figuras da protagonista e de seus familiares (a mãe, o pai, o irmão e a constante referência à figura do avô) são representadas as posições críticas e ideológicas do lugar do negro, à mercê da história, como excluído, sem lugar, sem nome, sem voz.

Direcionamos nosso foco para a escrita de autoria feminina – Conceição Evaristo, cuja temática envolve uma personagem negra, filha e neta de escravos alforriados que carregam o sobrenome do antigo senhor. Sem nome e, histórica e socialmente subjugada, Ponciá Vicêncio deixa sua casa e parte de sua casa, de sua vida. São tantas idas e vindas no tempo, por meio do fluxo de suas memórias que têm nas imagens de seus familiares, a representação do lugar do negro, da mulher, todos à mercê da história: a dos excluídos, os invisíveis, sem direito à voz.

Elegemos a obra de Evaristo porque seus textos dão voz àqueles que ocupam a margem da sociedade e, principalmente, quando, por meio da sua escrita, coloca a mulher como protagonista de uma história de escrita feminina que seria diferente se escrita por homens, advindo daí a questão do protagonismo feminino, referenciado neste texto.

Evaristo usa o termo *escrevivência* para falar de seu processo de escrita literária. Embora o termo faça referência ao relato de experiências vivenciadas, o que ela escreve é ficção, ou seja, não significa que são fatos que tenha vivido na realidade, mas suas histórias falam de fatos que, em muito se aproximam das experiências de mulheres e homens marcados histórica e socialmente por sua condição identitária, numa eterna busca de se ajustar ao mundo e à realidade.

Nessa perspectiva, o problema central deste artigo, elaborado a partir das concepções do materialismo lacaniano de Žižek emerge das seguintes indagações: A forma como a narrativa apresenta as angústias e os anseios dos sujeitos que estão à margem – os invisibilizados étnica e socialmente colabora para a representação da mulher na obra de Conceição Evaristo? De acordo com as concepções do Materialismo Lacaniano, a existência humana, caracterizada pelas atividades contínuas dos indivíduos em determinada sociedade é concebida nas dimensões do Simbólico, do Imaginário e do Real. E, sendo assim, questionamos: como a vida e a diáspora de Ponciá Vicêncio são acompanhadas pela presença do Imaginário e do Simbólico em sua relação com o grande Outro?

E, finalmente, se a personagem Ponciá Vicêncio vive numa constante e permanente busca para se ajustar à ordem Simbólica e sempre num processo de desintegração e negatividade, isto é, ela percorre a narrativa tentando se construir a partir de suas falhas e de suas distorções negativas, podemos afirmar que essa protagonista se enquadra nas configurações de Sujeito Barrado, discutidas por Žižek (2010)? Essas e outras questões estão presentes na próxima sessão.

2 O PROTAGONISMO FEMININO LITERÁRIO À LUZ DO MATERIALISMO LACANIANO

O Materialismo Lacaniano é uma corrente filosófica, cujas bases foram idealizadas por Slavoj Žižek, um esloveno, formado em Letras e em Filosofia, cuja orientação acadêmica tomou como base as ideias de Karl Marx, ancorada em uma filosofia de cunho político, já que o seu ponto de vista revela uma observação plural e turbulenta das teorias sociais. Os estudos dessa linha filosófica buscam compreender as agruras sociais e políticas que circulam no mundo atual, por meio de pesquisas que uniram os dados do materialismo dialético e histórico aos conceitos da psicanálise de Lacan, cujos pressupostos foram agregados a outros contextos intelectuais.

Se, de um lado, o marxismo buscava compreender as engrenagens da sociedade até os seus pontos mais elementares, a psicanálise se abria para a reflexão sobre o universo do inconsciente dos sujeitos que compõem essa mesma sociedade. É importante destacar que o Materialismo Lacaniano toma as concepções sociais, econômicas e políticas sob a perspectiva dialética e histórica e as relaciona com as teorias de Jacques Lacan para pensar os problemas do homem numa dimensão que exclui o tratamento clínico: “porque o clínico está em toda parte, podemos contornar o processo e nos concentrar, em vez disso, em seus efeitos, no modo como ele colore tudo que parece não clínico” (ŽIŽEK, 2010, p. 12).

Este filósofo assegura que os postulados de Lacan são essenciais para a atualização das noções de proletariado, de comunismo e das concepções de liberdade da política atual, mas enfatiza que não adota o viés da psicanálise clínica, já que é o caráter social que amplia, por meio da ideologia, dimensão de análise da existência do ser, por isso urge “arriscar o impossível” (ŽIŽEK; GLYN, 2006).

Sobre a constituição do ser, a teoria žižekiana faz a fusão dos pensamentos de Marx e de Lacan, já que a existência humana é marcada por uma eterna busca para preencher uma lacuna, um buraco, uma espécie de falta inconsciente e cujos resultados se traduzem em concepções ideológicas associadas à realidade posta. Žižek faz alusão às concepções da fantasia ideológica para chamar a atenção da ilusão, “o erro que opera na realidade social, na própria atividade dos indivíduos, naquilo que eles ‘fazem’, já que os homens sabem o que há nas relações entre eles e as coisas” (ŽIŽEK, 1992, p. 61-62). A esse comportamento, Žižek (1992) chama de ilusão, pois é ela que surge em primeiro lugar do lado da própria realidade. “A ilusão, portanto, é dupla: consiste em passar por cima da ilusão que estrutura nossa relação real e efetiva com a realidade. E essa ilusão desconsiderada e inconsciente é o que se pode chamar de fantasia ideológica” (ŽIŽEK, 1992, p. 316).

Quanto ao enredo de Ponciá Vicêncio (2017), a protagonista sabe como realmente era a relação estabelecida entre os brancos e os negros, bem como sabia o

modo de funcionamento das relações sociais advindas dessa realidade. Nesse viés, destacamos que essas concepções referentes à ilusão, que transita entre o conhecimento e a aceitação da dominação, de forma automática, sem nenhuma reflexão, tal como imposta pelo Capital, não caracteriza Ponciá nem os seus familiares. O que percebemos na narrativa é a concepção defendida por Žižek (2006, p. 21-22) de que a condição de existência do sujeito corresponde a uma busca pela totalidade, caracterizada pela “possibilidade e impossibilidade” de todas as buscas, tal qual ocorre com a personagem Ponciá Vicêncio.

Ela se encaixa nessa característica da “possibilidade e impossibilidade” porque a narrativa construída em meio a uma linguagem simbólica, que desliza entre o lirismo e os sofrimentos, e se faz violenta porque ao se dar conta das mazelas impostas aos de sua raça, Ponciá reconhece que não tem como melhorar o que já se encontra assegurado na ordem vigente, conforme observamos no trecho a seguir:

A vida escrava continuava até os dias de hoje. “[Ela era] Escrava do desespero, da falta de esperança, da impossibilidade de travar novas batalhas, de organizar novos quilombos, de inventar outra e nova vida. Sim, ela era escrava também. Escrava de uma condição de vida que se repetia. (EVARISTO, 2017, p. 72).

Ou seja, embora a personagem buscasse algo que a tornasse completa e feliz, isso é impossível, porque ela, enquanto sujeito, não terá essa totalidade. E Ponciá chega a essa conclusão depois de abortar sete filhos e de relembrar a vida de “peleja” da mãe ou quando meditava sobre os negros de outrora.

Todos, como ela mesma, cada um à sua maneira, buscavam um ideal de vida, um ideal pautado na possibilidade de uma vida em liberdade, mas o contexto histórico e social já anunciava a impossibilidade de tal realização. A existência de Ponciá e de seu povo estava pautada numa busca impossível e eterna para preencher a ausência de sentido originado dos processos das forças de dominação e de arbitrariedade que

sustentavam/sustentam a sociedade. Dessa maneira, aqui, fazemos referência aos povos de origem africana que foram subjugados e escravizados.

Dentro desta abordagem, o sujeito se apresenta como um ser que oscila entre a falta e o excesso, os quais caracterizam a sua condição de existência. A esse sujeito, Žižek; Glyn (2006) denominou, na esteira de Lacan, de “sujeito vazio ou barrado”, isto é, aquele ser que não se encaixa na estrutura simbólica do mundo e nem se reconhece como um ser plenamente ontológico. Nesse sentido, o processo de constituição do indivíduo como sujeito caracteriza-o como um sujeito que é um “vazio constituinte básico que impulsiona a subjetivação, mas não pode, em última instância, ser preenchido por ela. Ele é, simultaneamente, a falta e a sobra em todas as suas formas de subjetivação” (ŽIŽEK; GLYN, 2006, p. 11).

Este vazio, segundo os postulados de Žižek (2010) surge quando o indivíduo entra na ordem simbólica e acontece o corte que o tira da proteção da mãe. É o momento em que ele precisa se ajustar às regras e às normas impostas pelo Simbólico. Esse momento caracteriza-se como um trauma, porque rompe com um estado de aceitação passiva do universo, quando todas as suas vontades eram satisfeitas via cordão umbilical e placenta – o indivíduo “era” um só com o universo.

Em Ponciá, o corte traumático ou a entrada no Simbólico ocorre desde antes do seu nascimento, marcado pela condição de escravidão herdada de seus antepassados. Um dia, Maria Vicêncio acordou ouvindo um choro de criança e, assustada, percebeu que o choro vinha de sua barriga. Ela fez o que toda mãe faria para acalmar um filho:

Alisou a barriga, acarinhando a filha que ali cumpria o tempo de ser, sentiu movimentos e soluços. O que fazer? O que fazer? Como aliviar o choro de um rebento ainda guardado, mas tão suplicante, que parecia conhecer as infinitas do mundo? [...] Ponciá chorou três dias seguidos na barriga da mãe. Quatro luas depois, nasceu gargalhando um riso miúdo, mas profundo, de criança bem pequena (p. 108).

O trauma da escravidão dá a personagem protagonista (desde o nascimento) a força e a coragem para mudar de vida, por isso, ela luta para transformar e restituir tudo o que fora tirado, de forma brutal, dos seus ancestrais. Observemos, por exemplo, o fato de a menina se recusar a sentar e a engatinhar, pulando a fase do colo, direto para a fase de ficar em pé. Destacamos que, certamente, ela já nascera pronta para a luta contra os seus opressores. Outro fator característico desse protagonismo da personagem é a semelhança com o avô, aquele que, revoltado com a sua condição de escravo, decide acabar com a vida da esposa e com a própria, mas o intento não foi totalmente concluído. O velho ficou marcado pelo “cotoco” de braço que a menina Ponciá imitava, como que a perpetuar aquele ato de revolta do avô que simbolizava a luta contra a escravidão e que deixara como herança para ela.

As convicções de Žižek sobre a importância que as lutas sociais ganharam na atualidade são referências para a leitura do nosso *corpus* literário. Podemos destacar, além da busca permanente de Ponciá, que é o centro de nossa discussão, personagens como a mãe Maria Vicêncio, Luandi, o irmão, o soldado Nestor, a Nêngua Kainda e a prostituta Biliza. Todos seguem tentando construir os seus destinos: vivem angústias, passam por tragédias, arriscam-se e sofrem todas as dores – as suas próprias e as de seu povo. As suas dores também são coletivas, mas eles insistem em continuar e resistir buscando um lugar que os deixem representar a sua história.

Baseados em Žižek, observamos a posição do negro dentro de um sistema que é sempre de submissão e, que segundo Marx e Engels (1997), com a evolução do capitalismo, só houve a mudança de denominação, antes denominado de escravo, o negro passou a servo e chegou à modernidade como empregado.

É também o caso das mulheres brancas e/ou negras. Apesar de toda a luta histórica, o papel dado à mulher ainda é secundário. A inferiorização fica ainda mais explícita quando se trata de uma mulher negra e pobre. Ponciá Vicêncio entra nessa condição. Esse universo de submissão, preconceito, violência e privação da liberdade

que permeia a realidade já posta, pode ser observado nas ações da personagem e também naquilo que as normas sociais impõem aos sujeitos para que silenciem.

A partir dessas concepções, o materialismo lacaniano surge como uma corrente de ampla abordagem que, em sua estrutura teórica, apresenta-se como uma ferramenta eficaz e capaz “para explicar nossas agruras sociais e libidinais” (ŽIŽEK, 2010, p. 12). E, para entender essas “agruras sociais”, Žižek explica que a existência humana é oriunda da própria ação humana dentro de um espaço – a ordem Simbólica, cujas ações são decorrentes da própria estrutura “a constituição não escrita da sociedade”, mas que controla todos os atos do homem, desde os que ele segue automaticamente, passando pelos inconscientemente proibidos, até chegar àqueles que devem ser mantidos em segredo, já que podem revelar sua natureza obscena.

Ao apresentar a tríade borromeana como a responsável pela constituição da realidade dos seres humanos, formada a partir dos três níveis entrelaçados (Simbólico, Imaginário e Real) que compõem a realidade do ser, Žižek (2010) faz referência ao movimento de um ser que busca se ajustar à ordem Simbólica por meio de um processo que envolve “desintegração e negatividade”, isto é, o ser se constitui a partir das falhas, de suas distorções negativas. Na obra, Ponciá, desde menina buscava se reconhecer, se constituir:

Quando mais nova, sonhara até outro nome para si. Não gostava daquele que lhe deram. Menina, tinha o hábito de ir para a beira do rio e lá, se mirando nas águas, gritava seu próprio nome. Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio! Sentia-se como se estivesse chamando outra pessoa. Não ouvia o seu nome responder dentro de si. Inventava outros (EVARISTO³, 2017, p. 18).

Este processo se ajusta à convicção de Žižek de que o espírito, no sentido proposto por Hegel, é “um esqueleto do qual se pode separar a mais íntima experiência física de suas dimensões transcendentais” e, dessa forma, o homem se constitui a partir

³ Para registro de trechos da obra Ponciá Vicêncio ao longo deste capítulo, a partir dessa citação, passaremos a utilizar apenas o número referente à página.

de uma realidade imaterial (ŽIŽEK; DALY, 2006, p. 8). Com os dados desse movimento que, dialeticamente, constrói e desconstrói a realidade social, percebemos o Simbólico, o Imaginário e o Real – a tríade lacaniana – como instâncias responsáveis pela composição da protagonista naquele mundo marcado pela diáspora advinda da escravidão e sempre num movimento que determina sua incompletude por meio de certa falta/excesso. Falta de um nome com o qual se reconheça dona de sua própria história e o excesso de inferioridade coletiva, não são só dela as angústias e o vazio, “Ponciá sabia que o sobrenome Vicêncio tinha vindo desde antes do avô de seu avô”. (p. 26) Ela é descendente de escravos e o nome Vicêncio é a marca da superioridade dos brancos: “Na assinatura dela a reminiscência do poderio do senhor, um tal coronel Vicêncio. O Tempo passou deixando a marca daqueles que se fizeram donos das terras e dos homens” (p. 26-27)

De acordo com as convicções de Žižek, a existência humana, tal como as regras determinadas para o funcionamento do jogo de xadrez, a tríade de Lacan – Real, Simbólico e Imaginário - funciona como uma estratégia para o homem pensar a sua existência a partir da realidade e da forma como ela se apresenta em sua relação com o mundo. O mundo para Ponciá era um eterno vazio, gastava o tempo com as recordações e o futuro surgia com marcas de esquecimento. A existência de Ponciá era pautada nos pensamentos e nas recordações: “Ponciá Vicêncio gostava de ficar sentada perto da janela olhando o nada. [...] Ela gastava todo o tempo com o pensar, com o recordar” (p. 18)

Mas, Ponciá também já sonhara em outros tempos, quando menina sonhara ter outro nome e são esses sonhos que nos permitem, seguindo a linha filosófica de Žižek, analisar a trajetória de Ponciá Vivencio como os elementos do Simbólico, do Imaginário e do Real que permeiam a realidade ficcionalmente representada nos espaços que ela conta suas histórias de lutas, acomodação e de resistência na sociedade dialeticamente formada entre a aceitação e a resistência à vida que lhe foi imposta. O termo resistência aqui foi utilizado como “resistência ao Real”, uma vez que, segundo

Žižek, “o campo supremo da resistência é aquele que concerne à dimensão de um excesso insuportável, que é exatamente a dimensão do sujeito (ŽIŽEK; DALY, 2006, p. 101). Essa dimensão pode ser associada ao momento em que “Ponciá resolve sair do povoado onde nascera, a decisão chegou forte e repentina. Estava cansada de tudo ali” (p. 30).

Toda a narrativa gira em torno de suas lembranças e de seus questionamentos a respeito do comportamento de seu avô e de seu pai. Ao contrário das lembranças que tinha do avô, (ele morrerá quando ela ainda era um bebê de colo), Ponciá pouco lembrava do rosto do pai, mas foi após a morte dele que ela resolveu partir para a cidade. Seu movimento dentro da ordem Simbólica, a partir daí, atesta que há algo não resolvido; há um conflito que se manifesta naquilo que a teoria lacaniana chama de “um excesso de vida”. O conflito é existencial e, na personagem, se instala nas próprias tentativas de se afastar daquilo que lhe é negado, pois está cansada

De trabalhar o barro com a mãe e voltar de mãos vazias. De ver a terra dos negros coberta de plantações, cuidadas pelas mulheres e crianças, pois os homens gastavam a vida trabalhando nas terras dos senhores, e, depois, a maior parte das colheitas serem entregues aos coronéis (p. 30)

O conflito existencial de Ponciá é, ao mesmo tempo, o excesso dentro da ordem simbólica e o impulso que busca se afastar dela, pois “Cansada da luta insana, sem glória” a que todos os seus se entregavam, “Ela acreditava que poderia traçar outros caminhos, inventar uma vida nova” (p. 30).

Ponciá estava cansada da vida marcada de escravidão e do não reconhecimento individual e social de suas origens, marcada pelas ausências do pai “O homem não parava em casa. Vivia constantemente no trabalho da roça, nas terras dos brancos” (p. 16). Tudo isso e as lembranças do avô que Ponciá guardava no jeito de andar e numa imagem dele que ela mesma fizera no barro, servem de impulso para a busca: a

herança que recebera do avô era o excesso insuportável da escravidão do qual ela precisava se afastar.

Pai e avô, cada um estava diretamente ligado ao vazio que separava Ponciá Vicêncio de suas identificações simbólicas e imaginárias. Em meio às lembranças do avô, com quem nem chegara a conviver, e as ausências do pai, Ponciá amargava as marcas que a escravidão deixara e sofria com a impossibilidade de realizar seu desejo de integração subjetiva e se constitui como “o sujeito barrado” (\$) de Lacan, isto é, parodiando Žižek (2010, p. 46), Ponciá é o sujeito que transita pelo Simbólico em busca de preencher “O hiato entre sua identidade psicológica e a sua identidade simbólica”, - o passado marcado pela escravidão que perdura no presente é a máscara ou o título simbólico que ela usa, definindo o que ela é para e dentro do grande Outro. Oliveira (2021, p. 76) destaca:

O grande Outro (*big Other*, em inglês) fornece aos indivíduos as coordenadas para que eles possam circular no Simbólico e, por operar no nível do Simbólico, o grande Outro está sempre presente na relação humana, agindo como uma instância onipresente e invisível capaz de guiar o indivíduo pelo mundo, seja personificado como um “Deus” poderoso que a todos protege, seja como uma “Causa” que move o homem, ou de outras formas.

Isso explica a definição de Lacan de que o homem se estrutura na linguagem, já que, ao ser preenchido com as significações vindas do campo do Outro, ou seja, a partir de seu pai e de seu avô, Ponciá Vicêncio se constitui como mero efeito da cadeia de significantes. O imaginário advindo do campo Simbólico desses dois homens impulsiona a protagonista para a busca do preenchimento do vazio constituinte que a caracteriza como um sujeito vazio diante do processo de subjetivação.

O processo de subjetivação de Ponciá Vicêncio fora iniciado um ano e meio após a morte do avô. Foi o dia que a menina, que se recusava a engatinhar, desceu do colo da mãe e começou a andar, ela que até esse dia, se recusara, inclusive a sentar.

Veio forçando a descida pelo colo da mãe e, pondo-se de pé, começou as andanças. Surpresa maior, não foi pelo fato de a menina ter andado tão repentinamente, mas pelo modo. Andava com um dos braços escondido às costas e tinha a mãozinha fechada como se fosse cotó (p. 16).

A narrativa segue destacando que todos estavam assustados pelo fato de a menina andar daquele mesmo jeito do avô, pois todos sabiam que ela era muito pequena quando ele morreu. Mas o trecho fecha com: “Só o pai aceitava. Só ele não se espantou ao ver o braço quase cotó da menina. Só ele tomou como natural a aparência dela com o pai dele” (p. 16). Nesse trecho, destaco a força fundadora do grande Outro por trás desses dois homens (pai e avô) na vida de Ponciá Vicêncio. O vazio que caracteriza a busca de Ponciá está presente em muitas passagens que ela se refere aos dois, como, por exemplo, quando no velório do avô: “Ponciá Vicêncio, mesmo menina de colo ainda, nunca esqueceu que, naquela noite, **ela que pouco via o pai, pois ele trabalhava nas terras dos brancos**, escutou quando ele disse para a mãe que **Vô Vicêncio deixava uma herança para a menina**” (p.15, grifos meus). Nas palavras de Oliveira (2021, p. 76):

Apesar de sua força fundadora, o grande Outro não existe; é virtual, por isso é frágil, insubstancial e “só existe na medida em que os sujeitos *agem* como se ele existisse”, uma espécie de entidade, uma segunda natureza do homem que não é o reflexo de sua própria imagem, mas um Outro que surge no espaço Simbólico para dirigir, guiar e controlar todos os atos dos indivíduos.

Seguindo essa linha de análise, pai e avô, por meio de comportamentos distintos, passam para Ponciá, desde o nascimento, as angústias, a dor e o sofrimento que a escravidão causou em toda raça negra, mas foram essas agruras que levaram Ponciá a sair em busca de si mesma, de reconhecer a mulher que havia dentro dela e daquele nome que não lhe cabia. Era a voz do grande Outro que chamava Ponciá e indicava-lhe o caminho da liberdade; era preciso fugir da escravidão, mas esta sempre lhe aparecia, com outras características e formas, ~~mas~~ era sempre a escravidão a que

foram condenados os negros e os socialmente desfavorecidos, os sempre invisíveis em meio à sociedade.

Segundo Silva (2009, p. 214), o grande Outro surge durante o processo de individualização do homem – quando ele “separa a si mesmo do resto do mundo”, passa a se reconhecer enquanto sujeito pertencente a uma ordem Simbólica. Este momento também é caracterizado como um ponto em que cada indivíduo, paradoxalmente, é ‘obrigado’ a abraçar ‘livremente’, como resultado da própria escolha, o que de todo modo lhe foi ‘imposto’” (ŽIŽEK, 2010, p. 21, grifos nossos). Nessa perspectiva, Ponciá Vicêncio, guiada pelas marcas deixadas por seu pai e por seu avô, percebe sua incompletude e passa a buscar se constituir na ordem simbólica.

Para Lacan, a constituição do sujeito como ser humano ocorre, simultaneamente, com o momento em que ele, quando ainda criança, identifica a falta do Outro. Esta fase corresponde ao estágio do espelho, momento em que a criança olha para ela mesma e vê uma imagem única, mas é uma ilusão que se faz importante e necessária porque o sujeito percebe, na imagem projetada do grande Outro, no caso de Ponciá, foi por meio da imagem perversa da escravidão projetada na vida de seus ancestrais que ela conheceu o vazio que determinou sua incompletude diante da vida. E, conforme já destacamos anteriormente, esse é o momento de ruptura – da castração Simbólica, que além de marcar sua entrada no Simbólico, marca sua busca pela integração no mundo.

Em Ponciá, percebemos, a partir da narrativa fragmentada, as constantes buscas, caracterizadas como diásporas, frequentes andanças tanto para dentro e fora de si mesma, quanto para outros espaços físicos quando decide sair da vila e migra para a cidade.

O processo de subjetivação de Ponciá Vicêncio decorre de experiências perturbadoras, principalmente quando ela é privada da realização de seu intento de ser feliz, de ter outra vida: “Ela mesma havia chegado à cidade com o coração crente em sucessos e eis no que deu. Um barraco no morro. Um ir e vir para a casa das

patroas” (p. 70). Ponciá é privada daquilo que garantiria o cerne de sua existência, uma vez que não pode experimentar e assumir a sua completude. Isso explica a teoria do sujeito ‘barrado’, que permanece sempre como um ser incompleto, caracterizado por uma “brecha”, uma lacuna ou um vazio que estrutura sua composição em volta de um movimento que tanto a impulsiona para o abismo mais íntimo do seu ser, quanto funciona como uma maneira de escapar desse estado de subjetivação.

O sujeito barrado é vazio e, na teoria lacaniana, representado pelo signo “\$”, que representa o sujeito barrado – irremediavelmente dividido pelo significante em sua relação com um objeto, cuja ideologia pode ser vista como uma estrutura que o constitui na ordem de ser. O sujeito “\$” é assim denominado porque representa o vazio de sua existência dentro da ordem Simbólica para e dentro do grande Outro) é o que Lacan chama de “castração simbólica” (ŽIŽEK, 2010, p. 46, grifos do autor).

Para suprir essa falta provocada pela castração Simbólica, Ponciá Vicêncio se lança em uma busca de elementos que substituam e/ou preencham esse vazio, conforme observamos que, desde o nascimento a protagonista buscou, por diversos meios, encontrar a totalidade de sua existência, mas esta sempre escorregava porque enquanto sujeito social, Ponciá nunca estaria completa e, conforme expresso na narrativa, ela só encontraria a sustância, o húmus para o seu viver nas águas do rio. (p.108).

A existência de Ponciá está condicionada ao processo de escravidão que marcou a vida de seus parentes, advindo daí as angústias e o desejo de viver fora do jugo dos brancos. O nome que recebera “Vicêncio” não é de seu pai, nem do avô, era a brasa que queimava em sua alma, era a prova real e mais dolorosa ausência de sua origem, era o vazio que a consumia. E as lembranças dois, pai e avô, estavam sempre presentes, prontas para guiar o destino, primeiro da menina, depois da mulher.

As lembranças que Ponciá tinha do pai eram uma mistura de dor e revolta por ele ser tão presente para os brancos e nada para ele mesmo e para a família: o pai de Ponciá, filho descendente de escravos, nascera livre, mas, desde criança foi “Pajem do

sinhô-moço, escravo do senhor-moço, **tudo** do senhor-moço, **nada** do senhor-moço” (p.17 – grifos nossos). Os princípios da escravidão, bem como as formas de subserviência dos negros para com os brancos se perpetuavam, passavam do avô para os filhos e destes para os netos, mas a narrativa segue com um olhar voltado para novos tempos, como na passagem em que mostra a saída de Ponciá da vila: “E, avançando sobre o futuro, Ponciá partiu no trem do outro dia, pois a máquina não voltaria tão cedo ao povoado” (p. 30).

A neta de Vô Vicêncio, apesar de ser mulher, fora desde o nascimento, predestinada a ser e fazer diferente: Ponciá menina sonhava, cantava, gostava de ser mulher, era forte e corajosa aos dezenove anos quando resolveu pegar o trem para a cidade: nenhum parente homem “havia ousado tamanha aventura” (p.31), coisa rara naquele tempo em que o homem era o senhor de tudo e de todas. Evaristo dá, nessa obra, vez e voz à mulher negra. Ela registra a possibilidade do protagonismo de um ser predestinado à invisibilidade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar a literatura de Conceição Evaristo é perceber como as escrevivências da autora e as suas experiências pessoais e coletivas, de fato, mostram-se unidas à sociedade, além de ser uma oportunidade para discutir o fazer estético em uma obra de autoria feminina, com base nos aspectos inerentes ao contexto histórico e cultural do processo de formação dos povos marginalizados, sejam pela origem, raça, gênero ou posição social.

Por outro lado, a perspectiva teórica escolhida, o Materialismo Lacaniano, para respaldar esta pesquisa, revela-se fecunda à medida que forneceu subsídios específicos para construção de uma leitura diferenciada sobre Ponciá Vicêncio, principalmente, se levarmos em consideração que não há registros de uma análise do romance aludido embasado nessa vertente teórica. Isso aponta para uma dupla contribuição deste

capítulo: a primeira, conforme sugerido, nasce da reflexão em torno do texto literário contemporâneo, relevante para discutir problemáticas atuais; e a segunda, obviamente, parte da concatenação da obra com a corrente teórica que solidificou a análise, uma vez que também se mostrou nova na exegese de textos literários.

A literatura de Evaristo em muito se aproxima da visão de Candido (2011) quando ele destaca os textos literários em todas as suas especificidades, tais como o toque poético e as diversas faces da ficção, sejam elas narrativas, poéticas ou dramáticas. Evaristo apresenta, em **Ponciá Vicêncio**, todos os níveis de costumes, lendas, provérbios e manifestações artísticas preservadas pelos negros africanos, principalmente, os aspectos da tradição oral, cuja consequência é o fortalecimento da presença e da atuação de cada um desses aspectos.

Nesta perspectiva, associamos o fazer estético da literatura de Evaristo às condições das práticas de produção na sociedade, uma vez que, além da estética, a ciência e a prática cotidianas refletem a mesma realidade objetiva, marcada pelos processos de colonização e pelo desejo de afirmação do reconhecimento dos povos de origem africana.

Sobre a aplicação do Materialismo Lacaniano na obra, consideramos a estrutura da narrativa, a partir das marcas da linguagem, que, atreladas à filosofia política da abordagem escolhida e à literatura, podem revelar o “contorno completo do impacto fragmentador da modernidade” (ŽIŽEK, 2011, p. 52). O intuito foi apresentar os conceitos que envolvem a tríade simbólica – Simbólico, Imaginário e Real para, em seguida, discutir como os elementos que compõem o enredo colaboraram para a análise das agruras da protagonista em associação com o movimento das três instâncias da tríade, haja vista a sua responsabilidade para a constituição da personagem que, em movimentos de busca constante, procura se reconhecer dentro de uma realidade já posta pela ordem simbólica.

Os conceitos esclarecidos pelo Materialismo Lacaniano foram essenciais para esse estudo. O romance insere-se em um contexto plural e multicultural, logo, a sua

análise provocou uma abordagem que leva em consideração as angústias relacionadas ao vazio existencial, que caracteriza Ponciá, como rede de construção para o seu processo de integração, fato que destaca o duplo protagonismo expresso na obra: a autoria negra feminina e uma protagonista também negra.

Neste contexto, constatamos que a teoria žižekiana pode ser usada para problematizar obras literárias, já que a literatura nasce a partir do contato do sujeito com um espaço em um determinado período histórico, ao mesmo tempo em que, nas narrativas, por meio das diversas personagens criadas pelos autores, podemos perceber nas tramas diversos conflitos que permeiam a própria existência humana.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. *In*: CANDIDO, Antônio. **Vários Escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

EVARISTO, C. **Ponciá Vicêncio**. 3 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Expressão Popular, 1997.

ŽIŽEK, Slavoj; GLYN, Daly. **Arriscar o impossível**: conversas com Žižek. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ŽIŽEK, Slavoj. **Como ler Lacan**. Trad. Maria Luzia X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ŽIŽEK, Slavoj. **Em defesa das causas perdidas**. Trad. Maria Beatriz de Medina. Rio de Janeiro: Boitempo, 2011.